

AS HISTÓRIAS DE ANITA GARIBALDI

Fernanda Aparecida Ribeiro
 (UNIFAL-MG)¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo investigar a construção da personagem feminina Anita Garibaldi em romances latino-americanos, a partir do modelo histórico construído por Giuseppe Garibaldi em suas **Memórias** (1860), que idealiza a sua companheira. Mesmo seguindo o texto de Garibaldi, os historiadores posteriores complementaram a biografia da heroína brasileira, destacando a experiência dela no espaço privado, cumprindo o papel que a sociedade outorgava às mulheres no século XIX. Assim, o modelo que a história apresenta é de uma mulher ambígua, que transita entre o espaço público, aberto e o espaço privado, fechado. O trabalho que aqui se apresenta mostra como cada romancista recria a imagem de Anita, distanciando-se ou se aproximando do protótipo histórico criado por Garibaldi. Com esse intuito, escolheu-se como *corpus* literário os romances **A guerrilheira** (1979), do brasileiro João Felício dos

¹ Professora Adjunta de Literatura Hispano-americana do Departamento de Letras, Instituto de Ciências e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). MG-Brasil. CEP. 37130-000 fernandasyl@uol.com.br

Santos; **Anita** (1999), do também brasileiro Flávio Aguiar; **Anita Garibaldi** (2003), do argentino Julio A. Sierra; e **Anita cubierta de arena** (2003), da argentina Alicia Dujovne Ortiz.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico latino-americano contemporâneo; mulher na literatura; **A guerrilheira** (1979); **Anita** (1999); **Anita Garibaldi** (2003); **Anita cubierta de arena** (2003).

ABSTRACT: This study aims to investigate the construction of the female character Anita Garibaldi in Latin American novels, from the historical model built by Giuseppe Garibaldi in his **Memórias** (1860), idealizing his female companion. Even according to Garibaldi's text, later historians complemented the biography of the Brazilian heroine by highlighting her experience in the private space where she accomplished the role that the society granted the women of the nineteenth century. So, the model that History presents is one of an ambiguous woman who passes between the public space, open and the private space, close. The work presented here shows how each novelist recreates Anita's image, moving away from the historical prototype created by Garibaldi or approaching it. With this purpose, we chose as literary corpus the novels **A guerrilheira** (1979) by the Brazilian writer João Felício dos Santos; **Anita** (1999), by another Brazilian writer, Flávio Aguiar; **Anita Garibaldi** (2003) by the Argentine writer Julio A. Sierra; and **Anita cubierta de arena** (2003) by the also Argentine writer Alicia Dujovne Ortiz.

KEYWORDS: Contemporary Latin America Historical Novel; woman in literature; **A guerrilheira** (1979); **Anita** (1999); **Anita Garibaldi** (2003); **Anita cubierta de arena** (2003).

Anna Maria de Jesus (1821?-1849) é conhecida como a “heroína dos dois mundos”, por ter lutado ao lado de seu amado Giuseppe Garibaldi (1807-1882) no Brasil contra a monarquia e na Itália pela unificação do país. Ela entra para a história com o nome e sobrenome

italianos que lhe foram outorgados por seu marido: Anita Garibaldi.

O primeiro relato de suas façanhas foi narrado por Garibaldi ao escritor francês Alexandre Dumas (1802-1870) que publicou, em 1860, as **Memórias de Garibaldi** – dez anos após o falecimento de Anita. Essas **Memórias** são, praticamente, a fonte primeira da história de Anita. Nelas, o revolucionário constroi a imagem de sua companheira como uma mulher-soldado, uma pessoa corajosa com princípios claros de igualdade e justiça, uma espécie de guerreirana e destemida nos campos de batalha. Nesse sentido, ele edifica o mito heroico de Anita, destacando que ela é uma mulher que irrompe no espaço público como vencedora e atua no espaço masculino como se fosse o seu próprio universo. Essa figura de Anita é repetida pelos demais historiadores depois dele que corroboram a solidificação da heroicidade de Anita Garibaldi.

Há de se destacar, nessa obra, que a imagem dela fica restrita ao ambiente de guerras que é, originalmente, um universo masculino, criando uma imagem de uma heroína romântica, uma mulher digna de destaque por sua coragem ao lutar pelos mais necessitados. O que se contrapõe à imagem das mulheres no século XIX, seja no Brasil ou na Europa, lugares nos quais predominava a ideologia patriarcal e no qual as mulheres ficavam confinadas no espaço privado (a casa).

No Brasil, a história de Anita somente será resgatada pelos historiadores a partir da proclamação da República, ou seja, quase quarenta anos após sua morte na Itália. Nesse resgate, se dará um destaque especial para sua atuação no espaço privado, já que se trata de uma mulher do século XIX, demonstrando que ela também foi uma mulher como as demais de sua época, que se casou conforme a vontade da família e contra sua vontade com Manuel Duarte. Alguns reforçam que Anita, para se casar com Garibaldi, primeiro soube da morte do Manuel e, assim, dentro das regras sociais, ela estaria livre para se casar com o homem que amava. Nesse sentido, ela seria também uma mulher que atua dentro dos padrões estabelecidos

por uma sociedade que se embasa em princípios patriarcais. Cria-se, então, uma personagem feminina ambígua – um protótipo feminino exemplar na esfera domiciliar e uma heroína valente na guerra – como se as funções desempenhadas no espaço público e privado não tivessem entrechoques ou embates sociais.

Portanto, a imagem de Anita na história é de uma personagem feminina ambígua, que conseguiu conciliar as tarefas domésticas e as regras patriarcais impostas pela sociedade com sua atuação de mulher guerreira nas batalhas contra a monarquia no Brasil e a favor da unificação da Itália. Ela teria sido, assim, um exemplo de mulher/dona-de-casa na esfera domiciliar e uma heroína enérgica no campo de batalha, como se as funções executadas nos universos público e privado não se confrontam socialmente.

Essa dualidade da figura feminina foi observada em obras literárias sobre Anita², nas quais se verificou que a personagem transita entre os espaços da guerra e do lar, ou seja, ela se apropria do universo masculino, lutando e guerreando como um soldado valente, mas também é retratada como uma mulher que sabe ser submissa e se entrega aos afazeres domésticos, algumas vezes entrando em conflito consigo mesma.

Para o *corpus* literário deste ensaio, foram selecionados quatro romances latino-americanos contemporâneos: **A guerrilheira**, do brasileiro João Felício dos Santos; **Anita**, do também brasileiro Flávio Aguiar, **Anita Garibaldi**; do argentino Julio A. Sierra; e **Anita cubierta de arena**, da argentina Alicia Dujovne Ortiz. No âmbito literário, os escritores dão enfoque maior a uma ou a outra faceta da vida de Anita, mas sempre rodeada de elementos do universo masculino, conforme o seu ponto-de-vista sobre a personagem histórica. Em cada obra, é possível perceber que a forma de representação da personagem transita entre guerrilheira e uma

² O texto aqui presente é o resumo da minha tese **Anita Garibaldi coberta por histórias**, defendida no programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/Assis, em maio de 2010.

mulher típica do século XIX. Essa ambiguidade da personagem feminina, em continuo trânsito entre os espaços público e privado, demonstra a própria indefinição da personagem histórica, que a cada época é representada sob um foco distinto, conforme os interesses daquele contexto.

Assim, verifica-se que a interpretação da figura de Anita em cada romance do *corpus* deste trabalho é distinta por diversas razões, as quais se tenta aqui expor. A primeira seria o distanciamento em que cada autor se coloca em relação à história no momento da elaboração da obra literária, validando ou desconstruindo a imagem de Anita na história. Deve-se levar em conta o objetivo de cada escritor ao resgatar essa personagem em suas obras, pois Anita participou da Revolução Farroupilha (1835-1845), que almejava a independência do sul do Brasil, mas nunca esteve na Argentina. E um dos escritores argentinos é uma mulher e é possível que sua perspectiva seja distinta dos demais.

Por último, destacam-se as estratégias narrativas que os escritores utilizam para elaborar o enredo e a personagem, com ênfase no embate das funções sociais do espaço público e privado, entre os quais Anita oscila, bem como a retomada de um passado histórico em obras que questionam, ou não, a história oficial.

Essas quatro obras podem ser consideradas como romances históricos contemporâneos, porque fazem uma releitura da história com o objetivo de oferecer outra(s) versão(ões) distintas daquelas instauradas pela história, utilizando-se de estratégias como a intertextualidade, a ficcionalização dos personagens históricos, em alguns casos até da anacronia histórica. Todas essas características desse gênero narrativo apontam para uma principal, que foi descrita por Magdalena Perkowska, em **Historias híbridas** (2008, p. 42):

[...] los novelistas dibujan un nuevo mapa para el concepto de la historia y su discurso. Vista desde esta perspectiva, la novela histórica latinoamericana no cancela la historia sino que redefine el espacio

declarado como “histórico” por la tradición, la convención y el poder, postulando y configurando en su lugar las historias híbridas que tratan de imaginar otros tiempos, otras posibilidades, otras historias y discursos.

Os escritores da América Latina possuem uma visão distinta da história em relação à visão positivista que se tinha na Europa. Assim, o romance histórico escrito aqui a partir de meados do século XX questiona e redefine a relação com a história, recolocando-a em um novo espaço, permitindo que várias versões e outros discursos o auxiliem na interpretação do passado. Assim, a literatura reivindica o papel de manifestar a sua visão própria da realidade.

Como Anita Garibaldi pertenceu a uma época que a sociedade vivia sob a ideologia do patriarcalismo, é necessário analisar como cada escritor reconstruiu essa personagem em suas obras. Por isso, se consideram também nas análises os pressupostos da Crítica Feminista, que passa a ler a literatura com a proposta de desconstrução da ideologia patriarcal, que ainda influencia a sociedade nos séculos XIX e XX, e de seus procedimentos que relegavam a mulher a um papel secundário na sociedade e na literatura.

A Crítica Feminista tem como um dos objetivos analisar a representação da mulher na literatura, seja de escrita feminina ou masculina. Como um romance do *corpus* é de autoria feminina, pode-se citar a crítica Corina Mathieu (2004, p. 63) que, ao abordar a narrativa histórica de escritoras da Argentina, afirma que a partir dos anos oitenta a narrativa feminina no país assume um caráter de contestação que a impulsiona a temática de busca de identidade da mulher. Desse modo, o romance histórico torna-se, então,

[...] un medio de otorgar reconocimiento en la participación de los hechos a los que la historia marginó: las mujeres, los mestizos, los indios, los conversos. La escritora argentina se halla abocada a incluir su propia discursividad en el género y demostrar que la mujer puede ser generadora de su versión de la historia por medio de la ficción.

Foi pelo discurso literário que se busca analisar aqui a imagem de Anita Garibaldi, verificando como cada autor construiu a personagem feminina a partir do protótipo construído por Garibaldi em suas memórias³, retratando-a em constante deslocamento entre o espaço público e o espaço privado.

É necessário fazer uma distinção entre o que se entende por espaço público e espaço privado. Para o primeiro, pode-se citar o livro **Mulheres públicas** (1998), de Michelle Perrot. Nessa obra, ela delimita o que se entende por esfera pública, que possui dois aspectos: “por oposição à esfera privada, designa o conjunto, jurídico ou consuetudinário, dos direitos e dos deveres que delineiam uma cidadania; mas também os laços que tecem e que fazem a opinião pública” (PERROT, 1998, p. 07-08). O espaço público é entendido na dualidade, pois é necessário saber o que se entende como espaço privado. Para tal, Rosiska Darcy de Oliveira (1999, p. 98) assevera:

[...] o que se passava num cenário, num espaço físico bem delimitado, a casa, no interior da qual uma pessoa, a mulher, se ocupava de fazer viver uma família. Essa ocupação incluía a criação dos filhos e, em muitos casos, a sobrevivência dos velhos. A mulher, por sua vez, era mantida com os recursos provenientes de um salário que outra pessoa – o homem – obtinha em troca de seu trabalho em um espaço exterior à casa, espaço onde os gestos eram valorizados e remunerados por critérios econômicos.

O cotidiano das mulheres era marcado por tarefas gratuitas que

³ Ao longo de sua idade madura, Garibaldi redige várias versões de suas **Memórias**. A primeira é traduzida para o inglês e publicada em 1859. O escritor francês Alexandre Dumas entrevista o italiano, em 1860, e teria ganhado dele um manuscrito contendo informações desde o seu nascimento até a Retirada de Roma, em 1849 – ano da morte de Anita. Nesse mesmo ano aparecem duas edições francesas das **Memórias de Garibaldi, traduzidas do manuscrito original por Alexandre Dumas**, a tradução para o italiano com a apresentação da baronesa Dudevant e a versão inglesa de William Robson. No ano seguinte, Elpis Melena traduz para o alemão as **Memórias**, com o intuito de ajudar a consolidar e manter vivo o mito Garibaldi. Uma vez retirado da cena política de seu país já unificado e depois de reescrever o trabalho várias vezes, Garibaldi consegue publicar aquela que considera a versão definitiva de suas **Memórias** em 1882.

interessavam à família. O cotidiano dos homens por um trabalho remunerado que interessava à sociedade. Essa fronteira demarcava claramente um universo privado onde se movimentavam as mulheres e um universo público onde se movimentavam os homens.

Assim, ao nomear um espaço como privado, entende-se a casa, lugar que a sociedade de ideologia patriarcal sempre firmou como feminino e no qual a mulher estava confinada, sem acesso à rua, aos campos de batalha e outros lugares de circulação dos homens.

Contudo, personagens como Virgem Maria, Germania ou Marianne são representadas como mulheres que tiveram destaque no espaço público, sendo personagens inacessíveis, míticas e sublimadas, para justificar a imagem delas no universo masculino. Foi com um raciocínio parecido que Garibaldi retratou Anita em suas memórias, pois ele a comparou a deusa grega Palas Atena, a mulher guerreira, que merece destaque porque lutou por uma causa nobre. Assim, ao mitificar a imagem de Anita, Garibaldi reforça o seu próprio mito, como herói da unificação da Itália.

Nos romances analisados, a imagem de Anita Garibaldi na esfera pública é construída a partir do relato de Giuseppe Garibaldi, confirmando ou não a concepção de heroína corajosa elaborada nas **Memórias** do italiano, criando cada qual um modelo diferente de personagem, conforme o seu ponto-de-vista.

Já pelo título de seu romance, **A guerrilheira**, Felício dos Santos parece corroborar a imagem de Anita como uma guerreira, uma mulher que atua no espaço público como vencedora, mais especificamente no campo de guerra, e se faz destacar por sua atuação. A personagem é dotada de coragem e de iniciativa excepcionais, comum a uma imagem idealizada de acordo com os princípios românticos vigentes na época em que a heroína viveu, como no exemplo a seguir:

Somente no repiquete dos primeiros tiros foi que Garibaldi deu com Anita, a seu lado, já disparando sua arma nova, e aos gritos de grande

entusiasmo:

- Mirem que não creio em fantasmas, corja de covardes, cascudos de merda! Venham, sem medo, velhacos governistas! – e atirava... e matava... Logo, enchia Garibaldi de ânimo – Não te preocupes comigo, Papin de minha alma! Vá em frente, chico, que esses porcalhões não são de subir ladeira... – e fuzilava... e derrubava... (SANTOS, 1987, p. 243).

A personagem possui características que não eram atribuídas às mulheres de sua época: iniciativa e valentia, ainda mais em um espaço que não era seu. Não são somente as atitudes de Anita na guerra que sobressaem na narrativa, mas também suas palavras, que não poderiam ser ditas por uma mulher submissa numa sociedade patriarcal.

São muitos os exemplos da coragem da personagem no romance, tanto em atitudes como na própria fala. Em um desses momentos ocorre no litoral de Laguna, onde Anita tem seu primeiro confronto com os imperiais. Ela tenta entusiasmar os soldados, especialmente o comandante que se encontra na outra embarcação. Com a morte dele, no entanto, ela toma uma decisão sozinha e, sem avisar a ninguém, vai até o lanchão para comandá-lo e de lá grita para Garibaldi:

Papin querido, gringo da minha vida! Por aqui, tudo já vai arreglado. Te cuida dos sotretas aqueles que me vou direto a Imbituba! Não nos espere, chico, que perdes tempo!

[...]

Ah!... sim! Quanto ao comando do barco, já assumi, gringo! Havemos de nos encontrar em Imbituba logo mais ou, pelo pior, amanhã. Tchau, lindo! (SANTOS, 1987, p. 161).

Dessa maneira, a Anita de Felício dos Santos seria uma guerrilheira nata, que se destaca no campo de batalha por sua valentia em atos e em palavras. Quando se destaca aqui as palavras de Anita, está se fazendo uma crítica ao silêncio que as mulheres sofreram ao

longo do tempo. É nítida a carência de voz de mulheres na literatura e na história. E em **A guerrilheira**, a personagem feminina tem possibilidade de expressão – o que não ocorreu, por exemplo, com a personagem histórica, pois não há nenhum documento dela mesma descrevendo o que sentia, falava ou pensava.

Em suas **Memórias**, Garibaldi não faz menção de nenhum fato da vida de Anita antes de se conhecerem. Mas, no romance de João Felício dos Santos, o narrador destaca, na primeira parte do livro⁴, a vida dela antes de Garibaldi, oferecendo uma interpretação para os fatos que quase não possuem registro histórico. Assim, a narrativa tem a possibilidade de oferecer a sua interpretação para a construção do caráter de sua personagem, corroborando com a imagem de heroína de Anita iniciada por Garibaldi. E isso ocorre desde a primeira aparição dela no romance.

Em uma noite fria de 1835, Anita aparece na botica de sua cidade onde ocorria uma discussão entre vários homens da cidade sobre a Regência de Feijó e a Guerra dos Farrapos. Anita se integra ao grupo para conversar, procedimento pouco usual para uma mulher do século XIX. Isso se percebe na fala do padraсто de Anita no dia seguinte ao serão:

Dom Rafael estava furioso e, desde a véspera, não conseguia esconder seus sentimentos de revolta contra o mau procedimento de Anita.

- Com que então – dom Rafael começou a catilinária que havia preparado durante toda a noite. – Com que então, a senhora dona Ana de Jesus, minha enteada, andou, ontem, em serão de homens, não é verdade?

Anita fez que sim com a cabeça, ar muito sério.

- E pior! Pelo que soube... me contaram... a discutir políticas com forasteiros ... a se declarar farroupilha! (SANTOS, 1987, p. 39).

⁴ **A guerrilheira** é dividida em duas partes. A primeira, intitulada “A terra”, trata da vida da personagem em sua terra natal no período anterior ao surgimento de Garibaldi em sua vida. A segunda parte do romance, “A guerra”, narra a vida de Anita desde o momento da chegada de Garibaldi a Laguna até a partida do casal para o Uruguai.

O romance reforça a heroicidade de Anita não só nas suas atitudes, como em palavras: ela frequenta um espaço público participando de um serão, discute política com homens, expõe a opinião própria declarando-se a favor de um grupo contrário ao governo imperialista e conversa com homens desconhecidos. No entanto, a personagem não enxerga nenhum impedimento ou algo negativo em suas atitudes.

Assim, pode-se associar a protagonista de **A guerrilheira** ao mito da donzela-guerreira, conceituado por Walnice N. Galvão (1998). A autora afirma que a donzela-guerreira abdica dos elementos que compõem sua identidade e especificidade enquanto mulher para acatar os ideais masculinos como sendo seus. Ela vai à luta no lugar do filho varão que seu pai não teve ou mesmo cobra a vingança em nome de seu progenitor: a guerra e a retaliação seriam causas masculinas adotadas pela donzela-guerreira, que se disfarça com roupas masculinas e corta o cabelo, encobrindo sua identidade.

Anita Garibaldi no romance de Felício dos Santos também abdica do papel social imposto às mulheres e vai à luta. Contudo, ela não o faz por vingança ao pai, mas por acreditar na liberdade e igualdade de homens e mulheres.

Os romances **A guerrilheira** e **Anita Garibaldi** são os que mais se aproximam do modelo de mulher guerreira que Giuseppe Garibaldi construiu para a sua companheira. O romance de Julio A. Sierra é o que melhor problematiza essa questão de Anita romper com os códigos sociais estabelecidos, mostrando o entrelaço de pensamentos entre a sociedade patriarcal e uma mulher que quer viver conforme os seus próprios princípios.

A protagonista de Sierra não se conforma com as regras sociais impostas e suas atitudes vão de encontro com as normas estabelecidas. Ela o declara abertamente nas cartas que envia à sua irmã Felicidade, confessando suas vontades e sentimentos, e afirmando que não segue as condutas que a sociedade exige das mulheres: “Nada hay que me haga sentir más libre que correr descalza

o galopar con el caballo por la playa. [...] Es mi manera de sentirme libre de verdad y no tener que seguir las indicaciones de nadie” (SIERRA, 2003, p. 21). Cavalgar sem destino e andar pela Praia são atos que se repetem no romance e corroboram a ideia de liberdade pregados pela personagem.

O romance retoma os fatos ocorridos com Anita descritos por Garibaldi, sem grandes mudanças no conteúdo. Há inúmeros exemplos que se podem destacar. Por exemplo, nas **Memórias**, quando um petardo de canhão atinge Anita e a derruba, Garibaldi pede-lhe que se esconda no porão. No entanto, ela lhe retruca: “Sim, irei mesmo até lá – disse-me ela –, mas para tirar lá de dentro os poltrões que nele se esconderam” (DUMAS, 2006, p. 94). No romance de Sierra, o diálogo entre Garibaldi e Anita também se faz praticamente nos mesmos termos, evidenciando que o autor utiliza-se das **Memórias de Garibaldi** como base para escrever seu livro, sem modificar a história:

- Tienes que buscar refugio – insistió Garibaldi.
- Sí – respondió ella, en medio del fragor de la batalla que continuaba – , bajaré a la bodega. ¡Pero para hacer subir a los cobardes que allí se han refugiado! (SIERRA, 2003, p. 121).

Além de retomar as **Memórias**, o romance retoma outros historiadores e documentos da época, que exaltam a imagem de Anita. Em um certo momento, o narrador afirma que um certo oficial da monarquia, que uma vez capturou Anita, confessa no final de sua vida a seus alunos: “Nunca habíamos visto una mujer tan valerosa. Nos llena de orgullo que sea ella una nativa de Santa Catalina, una compatriota, quien haya dado al mundo tan sublime muestra de valor e intrepidez” (SIERRA, 2003, p. 151). Essa informação pode ser encontrada no livro de Lindolfo Collor, **Garibaldi, e a guerra dos farrapos**: “Nunca imaginaríamos „ver uma mulher tão valorosa . Enchia-nos de orgulho o fato de ser ela um catarinense, „uma compatriota, que dava ao mundo tão sublime provas de valor e

intrepidez’ “ (COLLOR, 1977, p. 332). Desse modo, Sierra reforça o mito heroico de Anita instaurado por Garibaldi e demais historiadores.

Percebe-se que, na primeira parte do romance, o narrador constroi a personalidade de sua protagonista como uma moça que se sente livre para andar pelo espaço público e cavalgar sem destino pelos arredores da vila. Mas o romance também apresenta Anita como uma pessoa que é capaz de se sacrificar para o bem estar das pessoas, na visão do narrador que coloca a atitude de Anita de despojar-se de seus desejos como algo louvável.

A personagem é uma mulher diferente do seu tempo e, por isso, o seu modo “rebelde” e decidido de agir e pensar leva sua mãe a arranjar-lhe um casamento: “María Bento [...] no dudaba de la vieja costumbre de casar jóvenes a las hijas. Pero con Aninha estaba decidida a acelerar la entrega en matrimonio. Bien sabía ella que sólo un marido podía domar la rebeldía de su Aninha” (SIERRA, 2003, p. 19). Para a mãe, as atitudes da filha precisam se corrigidas e isso só se realizaria por intermédio de um homem. A mãe não é capaz de compreender que a filha estava se rebelando contra uma autoridade que lhe tolhia a liberdade.

Para lograr o seu intento, María Bento conta com a ajuda do padre, pois ele representaria uma autoridade incontestável. Os argumentos dele soam a Anita muito forte: “Manuel es un buen hombre y velará por ti y por tu familia. Hazlo aunque más no sea por eso. Tus hermanas y hermanos menores encontrarán así un alivio a la extrema pobreza en la que los dejó tu padre” (SIERRA, 2003, p. 41-42). É colocada sobre a responsabilidade de Anita o sustento da família.

Mesmo sendo uma mulher de caráter decidido e dona de suas vontades, Anita tem que aceitar as bodas como se fosse seu destino irremediável. Esse fato é apresentado pelo narrador como um ato de abnegação e desprendimento da heroína, de acordo com o que se espera da mulher passiva: “Hasta ese momento había derramado

lágrimas y había protestado contra la imposición de aquel novio no deseado. Pero ahora tendría que aceptar su destino como un sacrificio por la familia” (SIERRA, 2003, p. 42).

A imagem de Anita, nesse momento, é de uma mártir que sacrifica a sua vida em favor dos mais necessitados, que são seus irmãos menores. Essa sujeição de Anita chega a ser incongruente com a imagem que se vinha construindo da protagonista, como uma jovem que não se importa com a sociedade, mas somente consigo mesma. No entanto, a ideologia aqui expressa é que a heroína sabe se desprender das coisas que trazem benefícios somente para si para um bem maior.

Julio A. Sierra descreve a personagem de seu romance como uma mulher avessa às tarefas domésticas, mas que também sabe renunciar ao seu próprio bem-estar em benefício de outros. Por isso, mesmo não compartilhando com a ideologia da sociedade em que vive, em determinados momentos Anita se submete às regras sociais para ajudar sua família ou mesmo para ser considerada esposa de Garibaldi pelos uruguaios.

Tanto o romance de Sierra como o de Felício dos Santos mostram a personagem Anita como uma mulher que circula em espaço público, andando na rua ou participando de serão. Essa atitude demonstra a vontade de sair do confinamento do privado e adentrar o universo público, vetado às mulheres. Nesse sentido, a personagem ficcional se aproxima do seu protótipo histórico.

Mesmo utilizando em seu romance a versão das **Memórias** de Garibaldi, além de textos de outros historiadores e biógrafos como Wolfgang L. Rau (1975), Valentim Valente (1984) e Annita Garibaldi (1931), entre outros, o escritor Flávio Aguiar, no romance **Anita**, tem a intenção de questionar a história de Anita Garibaldi.

Um dos pontos principais questionados é a fidelidade que Garibaldi afirma que Anita lhe devotava. Em vários episódios, a fidelidade de Anita é posta em questão, chegando até mesmo a fazer

com que várias personagens desconfiem que ela possa corresponder ao amor silencioso da personagem Costa, um oficial que teria acompanhado Garibaldi em várias batalhas.

A ficção pode apresentar outras interpretações para os fatos históricos, no intuito de apresentar uma leitura para os fatos ou de impossibilitar a legitimação de uma só versão. Por exemplo, no romance de Aguiar, quando Anita vai ao encontro de Garibaldi em Roma, logo após o exército francês empreender um cerco à cidade, ela pede a Costa um favor:

- Quero escrever uma carta. Agora já posso escrever eu mesma, mas estou cansada, e o senhor pode imitar bem a minha letra... Além disso, queria vê-lo.

[...]

Ele anotou: Roma, 26 de junho de 1849. Ela pôs-se a ditar:

Caríssima,

Escrevo para dar notícia de minha feliz chegada, depois de uma perigosa passagem pela Toscana, dominada pelos austríacos, que tive de atravessar para chegar a Roma...

[...]

Uma gota de suor correu pelo nariz dele e pingou sobre o papel da carta. Ele apressou-se a secá-la com o punho da camisa que fora branca, entregue agora ao pó das batalhas. Por esse gesto ficou no papel da carta, até hoje, uma pequena mancha no canto esquerdo, como se fora um borrão desfeito: ela pode ser vista na Biblioteca do Risorgimento, em Roma.

[...]

Ele estendeu o papel, ela tomou-o e colocou-o sobre a mesa, assinando: *Anitta Garibaldi*. Ele reparou que de fato as letras dela e dele eram parecidas. Afinal, ela desenvolvera suas leituras lendo a letra dele [...]

Os olhares desta vez se apenetraram, luzidos, alegres (AGUIAR, 1999, p. 220-221, grifo do autor).

Para descrever esse trecho, o narrador utiliza-se de um episódio da vida de Garibaldi e Anita e de uma questão não resolvida para os biógrafos. Segundo Rau, a carta existe e está exposta em um museu; no entanto, tem-se dúvida de que realmente ela tenha sido escrita

por Anita. Rau afirma que, comparando os “fac-similes” das cartas de Anita publicadas em obras garibaldinas, as caligrafias e também as suas assinaturas são divergentes. Esse fato comprovaria o argumento do biógrafo de que as missivas foram escritas por outras pessoas. No romance de Aguiar, Costa é a pessoa responsável pela escritura da que seria a última carta de Anita e também pelo borrão na folha de papel, o que explica a divergência das letras nas cartas da personagem. No entanto, essa é a leitura de Flávio Aguiar; poderia haver outras versões cabíveis a esse fato narrado.

O narrador insinua também que não somente Costa sente algo por Anita, mas que também ela, às vezes, parecia corresponder, pois o olhar de ambos é brilhante e feliz quando se encontram. Para dar sustentação a sua leitura, destaca que algumas personagens também percebem o brilho diferente nos olhos de Anita; uma delas é o negro Aguiar que, em Rieti, converte-se no “guarda-costas oficial” de Anita:

[...] o que mais intrigava o negro não era a secreta paixão do Costa, e sim o brilho que ele via nos olhos de Anita quando esta encontrava o seu amigo [...] Mas ele não sabia, ou não queria ler por dentro ou por detrás daquele brilho: seria mera curiosidade de amiga, ou algo mais? (AGUIAR, 1999, p. 205).

Como foi dito anteriormente, não há na história o registro da vida de Anita feita por ela mesma. Garibaldi foi o primeiro a escrever sobre ela e sua intenção provavelmente era enaltecer a si próprio. Quando a obra de Flávio Aguiar questiona a versão apresentada por Garibaldi e não somente em questão à fidelidade no amor, problematiza também a descrição do caráter de Anita de maneira geral.

Contudo, o próprio narrador deixa a questão da lealdade do amor em aberto, colocando em dúvida tal interpretação ao destacar a cena em que o negro Aguiar entrega a Costa um livro que Anita lhe manda como presente e em que ela sublinha, em uma das páginas, a seguinte passagem:

Direi a Deus: não me condeneis. Façei-me conhecer, por que me julgais, ou me tratais assim? Pode parecer-vos bem o entregar-me à calúnia, e oprimir-me, sendo eu futura de vossas mãos, e favorecer o conselho dos Ímpios?[...] E então sabeis, que nada ímpio cometi, não havendo quem possa tirar-me das vossas mãos (AGUIAR, 1999, p. 207, grifo do autor).

O trecho destacado pode ser interpretado de dois modos: ou Anita não se sente culpada pela sua amizade com Costa, ou não sente nada além de amizade por ele. Se o romance destaca que algumas personagens desconfiam que Anita possa corresponder à paixão de Costa, o narrador não apresentará uma solução definitiva para tal questão, deixando aos leitores a interpretação que lhes convenha.

Assim, o romance de Aguiar torna-se mais uma interpretação da história oferecida pela literatura por meio de um autor gaúcho, que escolhe um protagonista quase que fictício (o único registro histórico encontrado é o nome de Costa José, registrado duas vezes na lista dos legionários que saíram do Uruguai junto a Garibaldi, com destino a Itália), para o qual inventa uma história de vida, incluindo a estreita relação com Anita, e cujo olhar se torna o condutor do enredo. Nesse jogo entre história e ficção, o romance torna-se uma versão da história na qual, como a personagem Costa mesmo afirma, “acontecem coisas que aqui na nossa vida não podem mais acontecer” (AGUIAR, 1999, p. 139), mas que são cabíveis dentro do contexto da obra literária.

Como se pode perceber, esse é o romance que mais se distancia do protótipo histórico de Anita Garibaldi, problematizando o discurso histórico.

Como os demais, o romance **Anita cubierta de arena**, da argentina Alicia Dujovne Ortiz, também parte dos acontecimentos descritos nas **Memórias** de Garibaldi e acrescenta uma nova leitura desses fatos. Mas o que o torna distinto dos demais é a forma como a narrativa constrói o enredo: valendo-se de uma narradora que usa

o ponto de vista da protagonista, narrando em discurso indireto, destacando a forma como Anita age e pensa e revelando seus conflitos interiores. Assim, teríamos uma versão da história por meio dos pensamentos e sentimentos de Anita.

A narrativa de Dujovne Ortiz parte da descrição da visita de Garibaldi à Manuelita Sáenz, amante de Simon Bolívar (fato histórico relatado pelo italiano). No enredo, Manuelita pede ao italiano que lhe conte o que ocorreu com Anita. Entretanto, o desabafo de Garibaldi não aparece no romance. Isso ocorre porque, historicamente, o italiano deixa sua versão em forma de memórias, revelando o seu ponto de vista. O que aparece na narrativa é a história de Anita narrada em terceira pessoa, em discurso indireto livre.

Um exemplo dessa outra visão pode ser exemplificada no momento em que vê Anita de seu barco e a procura em terra, Garibaldi afirma em suas **Memórias**, via Dumas:

[...] do meu bordo, eu descobria as belas jovens ocupadas nos seus diversos afazeres domésticos. Uma delas atraía-me mais especialmente que as outras [...]
„Virgem criatura, tu serás minha! , foi o que disse ao ter a jovem diante de mim (DUMAS, 2006, p. 90-91).

Pelo relato de Garibaldi, a iniciativa foi somente dele. Já a narradora de **Anita cubierta de arena** apresenta outra leitura, descrevendo o que Anita faz para chamar a atenção do corsário e como ela se porta quando estão um frente ao outro:

[...] *frunce la cara para distinguir al marino que sigue mirándola con el anteojo y, tranquilizada, adopta un aire ausente mientras con aparente distracción se baja un hombro de la blusa.*
Cuando lo ve llegar, se suelta el pelo [...] pero le da los ojos de frente (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 21).

Diferentemente do que está registrado na história, o romance

apresenta Anita como uma participante ativa no jogo amoroso, chamando a atenção do italiano para a beleza do seu corpo ao deixar à mostra o seu ombro. Quando ele se aproxima, ela não disfarça o interesse e, ao contrário do que fazem as mulheres de sua época, não baixa os olhos em sinal de submissão ou vergonha.

Mesmo assim, como ocorre nos demais romances analisados, em **Anita cubierta de arena** o comportamento de Anita também é condenado pela sociedade, conforme é possível notar no seguinte fragmento: “La población de Laguna no piensa igual. Anita ha cometido adulterio, y el gringo metido a comandante naval es culpable de haberse robado a una hija de aquel pueblo decente” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 34).

A Anita de Dujovne Ortiz é diferente do seu protótipo histórico, pois enquanto esse foi descrito como um modelo de guerreira, de coragem e iniciativa nos campos de batalha, a personagem só se preocupa em agradar Garibaldi, mesmo que isso implique que ela seja diferente das demais mulheres de sua época, pois, enquanto as outras “podrán alumbrarse con opalinas y colgarse camafeos, ella se alumbra con carne de gringo rosa y ata el pañuelo farrapo para matar por él” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 64).

Ao contrário do que as obras históricas normalmente relatam, afirmando que Anita Garibaldi é uma heroína que luta pelos ideais republicanos e que combate ao lado de seu companheiro por razões humanitárias, a narrativa descreve uma mulher preocupada com seu homem e que, se enfrenta a guerra, é por causa dele e não pelas razões pelas quais ele combate, como se essa atitude de dependência da mulher ao homem fosse louvável em pleno século XXI, após todas as conquistas das mulheres para a sua independência e valorização pessoal.

Uma das propostas do Movimento Feminista é justamente provar aos homens que as mulheres não necessitam da aprovação deles e que querem liberdade para atuarem conforme sua consciência, e não viver sob regras opressoras. A luta das feministas é para acabar

com a subordinação feminina e estabelecer o companheirismo entre homens e mulheres, e não para que haja uma relação de dependência ou submissão entre os sexos. Assim, o romance **Anita cubierta de arena** parece retroceder nessa luta feminista. Mas a obra também descreve o sentimento de raiva da personagem de ficar em casa, cuidando dos filhos, e não poder acompanhar Garibaldi nas lutas, quando moravam no Uruguai. É possível que o romance seja uma obra de protesto – da mulher que é obrigada a ficar em casa, cuidando de tarefas domésticas, bem como da mulher silenciada pela história, cuja voz não foi ouvida.

De uma maneira ou outra, o romance se afasta da imagem que Garibaldi elaborou de Anita em suas **Memórias**. A obra tira Anita do pedestal de heroína, no qual ela é ovacionada, e dá-lhe dimensões humanas ao construir uma mulher preocupada com a sua vida amorosa, conforme se pode perceber na seguinte passagem:

Garibaldi ya ha conocido en Sudamérica a más de una. Todas han hecho lo contrario. Mujercitas finas. [...] El que Anita invierta las cosas lo toma de sorpresa. Rato después, la criolla y el gringo se pierden tras las cabañas de pescadores.
Si de algo sabe Anita es de necesidades. La de él la imagina, la suya la conoce. Así que ha elegido un lugar amistoso para hacer lo que deben: una playita redonda y protegida por unas piedras romas del color de la carne (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 21).

Aqui já se percebe que o foco do romance não é a atuação de Anita no espaço público. Ao contrário, o que se destaca é o modo como ela atua no espaço privado e no relacionamento com Garibaldi que não se parece ao de um casal que vive nos anos de 1830, quando impera um grande tabu em relação ao sexo. Aliás, como assinala Antonio R. Esteves, a personagem se parece mais com uma mulher do século XX, que não tem o sexo como algo proibido ou perigoso, como a ideologia do século XIX faz acreditar que era: “Fogosa na cama, ela pratica uma sexualidade sem tabu, mais próxima do século

vinte que da época em que viveu. As mais belas páginas do romance são aquelas em que o erotismo dá a tônica à narrativa, sob o foco da mirada feminina” (ESTEVEVES, 2007 b, p.77).

Anita tem uma sexualidade sem interdições, permitindo ser observada por seu amado, ao mesmo tempo em que ela também não se envergonha de olhá-lo, usufruindo de uma sexualidade prazerosa, sem interdições ou culpa por parte da mulher:

Ahora [Garibaldi] puede mirarla a sus anchas. Ella se deja mirar. Tiene un cuerpo sin melindres, un cuerpo que ignora las formas aprendidas. Sus pechos son pechos, sus piernas piernas, y él *empieza a decirse que también sus palabras – breves, escasas, claras – son lo que son. [...]*
Se deja mirar pero mirando a su vez, palpando y oliendo. Aunque no sepa de qué tierra sale Garibaldi, conoce el mar y le basta (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 22).

A heroicidade da protagonista aparece relacionada à presença de Garibaldi, como se pode verificar no trecho seguinte: “*Su coraje es menos coraje cuando él no la ve, Anita es menos Anita cuando él no le dice con la mirada que ella es ella*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 68). Isto é, ela se faz de heroína, de mulher corajosa, para se mostrar a Garibaldi e poder provar-lhe que é capaz de segui-lo nas batalhas.

Ao longo do romance, a única preocupação da personagem parece ser querer ficar ao lado de quem ama, mesmo que o preço para tal ato seja enfrentar a guerra como um soldado. Assim, pode-se notar que a identidade de Anita depende da presença de Garibaldi, pois ela não é a mesma pessoa quando ele não está por perto. Sua coragem e determinação nas guerras provêm do fato da presença do italiano. Essa não é a primeira vez que a narradora relaciona a identidade de Anita com Garibaldi.

O momento em que a figura de Garibaldi e Anita se confunde é na Itália, quando Anita tem oportunidade de voltar a lutar ao lado de seu companheiro. Ao ficar sabendo do cerco dos franceses a Roma, em 1849, ela vai ao encontro de seu companheiro para lutarem

juntos, mesmo estando grávida de seu quinto filho. Ao fugir da cidade, ela corta o cabelo e se veste como homem. Nesse momento, além de voltar ao passado, sua identidade é totalmente relacionada a Garibaldi, pois

No es la primera vez que Anita está junto a José, frente a los otros, pero sí la primera que aparece como una versión de José, con su mismo sombrero de alas blandas y de penacho negro. Un José hombre y una José mujer. Un José de dos cabezas. No por doblez como Canabarro: por amor (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 205).

Aqui, Anita torna-se uma versão de Garibaldi, a mulher guerreira, uma espécie de duplo ou um complemento que forma com ele um ser andrógino. Se antes ela se sente incompleta e busca algo que a complete, já quase no final de sua vida, Anita acredita que sua identidade é Garibaldi, seu grande amor. Ela percebe que sua existência não será nada sem ele e, por isso, renuncia ser ela mesma para ser o complemento de seu companheiro. Ou seja, na busca de algo fora de si mesma, Anita se descobre no outro, o homem, identificando-se com o objeto amado.

O livro tira Anita do pedestal de heroína no qual foi posta, primeiramente por Garibaldi e pelos italianos e depois pelos brasileiros, para dar-lhe dimensões mais humanas, apresentando-a como uma mulher que se preocupa com sua vida amorosa e não como uma pessoa que se despoja de si para lutar pelos oprimidos. Como se percebe na análise da obra, a configuração da sexualidade da protagonista se aproxima da mulher do final do século XX, repleta de erotismo, já que para ela o sexo não era algo interdito.

A análise do *corpus* literário deste trabalho aponta para a dualidade dos âmbitos público e privado presentes na história de Anita Garibaldi, revelando uma personagem ambígua, caracterizada com elementos masculinos e femininos. Como afirma Ruth S. Brandão (2006, p. 29), a personagem feminina na literatura “encarna o pretendido enigma de uma feminilidade que se pode representar

falicamente”, no entanto, a incompletude da mesma provém do fato de que se ela “se mostra com adornos fálicos, estes, entretanto, são o brilho do que ela não é”. É assim que se revela a personagem Anita nas obras literárias selecionadas para este trabalho.

Pode-se dizer, então, que não há uma Anita apenas, mas diversas Anitas textuais. A primeira é feita pelo discurso histórico por meio das **Memórias** de Garibaldi, que elabora um modelo feminino atuante no espaço público. Sem negar esse primeiro protótipo, os demais historiadores que a ela se referiram completaram a sua caracterização, descrevendo-a também na vivência do universo feminino.

Os romances **A guerrilheira**, de João Felício dos Santos, **Anita**, de Flávio Aguiar, **Anita Garibaldi**, de Julio A. Sierra, e **Anita cubierta de arena**, de Alicia Dujovne Ortiz, são, enfim, uma forma de reinterpretação do exemplar Anita elaborada historicamente. Cada qual, dentro de seu ponto de vista e com a ficcionalização da personagem, apresenta uma Anita distinta, que ressurgue a cada novo relato, sendo encoberta por histórias e mais histórias.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Flávio. **Anita**. São Paulo: Boitempo, 1999.

BRANDÃO, Ruth S. **Mulher ao pé da letra**: a personagem feminina na literatura. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

COLLOR, Lindolfo. **Garibaldi e a Guerra dos Farrapos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

CUNHA, Glória da (Org.) **La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas**. Buenos Aires: Corregidor, 2004.

DUJOVNE ORTIZ, Alicia. **Anita cubierta de arena**. Buenos Aires: Alfaguara, 2003.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre, L&PM, 2006.

ESTEVEES, Antonio R. Imagens do Brasil em romances históricos hispano-americanos contemporâneos. In: SEDYCIAS, João (Org.) **A América Hispânica no imaginário literário brasileiro** = Brasil en el imaginario literario hispanoamericano. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007b.

GARIBALDI, Annita. **Garibaldi na América**. Trad. Renato Travassos. Rio de Janeiro: 1931.

GALVÃO, Walnice N. **A donzela-guerreira** – um estudo de gênero. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

MATHIEU, Corina. Argentina. In: CUNHA, Gloria da (Org.) **La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas**. Buenos Aires: Corregidor, 2004. p. 29-68.

OLIVEIRA, Rosiska D. de. **Elogio da diferença**: o feminismo emergente. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PERKOWSKA, Magdalena. **Historias híbridas**: la nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías posmodernas de la historia. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2008.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RAU, Wolfgang L. **Anita Garibaldi**. O perfil de uma heroína brasileira. Porto Alegre: Edeme, 1975.

SANTOS, João F. **A guerrilheira**: o romance da vida de Anita Garibaldi. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SIERRA, Julio A. **Anita Garibaldi**. Guerrillera en América del Sur, heroína de la unidad italiana. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

VALENTE, Valentim. **Anita Garibaldi**. Heroína por amor. Rio de Janeiro: Irmãos Ponguetti, 1949.

ZOLIN, Lúcia O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Org.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.